

Artigo recebido em:  
07.04.2019

Aprovado em:  
10.05.2019

**Ébida Santos**

Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

E-mail: ebidasantos@gmail.com.

**Liziane Guazina**

Professora de graduação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

E-mail: liziane.g@uol.com.br.

# Qualidade no Jornalismo: percursos estrangeiros, problemas brasileiros

Ébida Santos

Liziane Guazina

## Resumo

Este artigo tem como proposta mapear e discutir os diferentes entendimentos sobre qualidade no jornalismo. Para isso, considera as perspectivas apresentadas em estudos desenvolvidos em países dos continentes americano e europeu. Dentro da pesquisa, são destacados aspectos relevantes para o debate contemporâneo sobre o jornalismo brasileiro em contexto de riscos à democracia e também são relacionados os métodos e formas de verificação de qualidade propostos por diferentes autores. O artigo divide-se em duas seções, sendo a primeira sobre os estudos norte-americanos e europeus, e a segunda voltada para as discussões latino-americanas. Trata-se de um esforço de revisão sobre como as diferentes abordagens definem e compreendem a noção de qualidade, seus limites e suas possibilidades de aplicação.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Qualidade. Democracia.

**Quality in journalism: foreign courses, Brazilian problems**

## Abstract

This article proposes to map and discuss the different understandings about quality in journalism. For this, the perspectives presented in studies developed in countries on the American and European continents are considered. The research highlight aspects relevant to the contemporary debate on Brazilian journalism in a context of risks to democracy and relating methods and forms of quality verification proposed by different authors. The article is divided into two major sections, the first on North American and European studies and the second on Latin American discussions. It is a review effort on how the different approaches propose and understand the notion of quality, its limits and its possibilities of application.

**Key words:** Journalism. Quality. Democracy.

<sup>1</sup>De acordo com Balestrin (2017), as pós-democracias se caracterizariam por apresentarem, entre outros fatores, cenários político-institucionais instáveis; a emergência e participação de novos atores na agenda pública com discursos anti-democráticos e a utilização das instituições democráticas para a fragilização ou ruptura das próprias experiências democráticas em nome do mercado.

**E**m um contexto internacional de crises das democracias, pós-verdades, precarização do trabalho jornalístico e popularização das plataformas de mídias sociais digitais, muitos autores questionam se o jornalismo tradicional ainda é capaz de manter um espaço de centralidade na formação das agendas públicas, como no passado recente, e em quais condições isso é possível. Além disso, a crescente emergência de atores políticos neopopulistas na cena pública que se utilizam de discursos autoritários e antidemocráticos para vencer eleições majoritárias e definir políticas públicas restritivas à liberdade de expressão também coloca em xeque o lugar do jornalismo de referência como importante instituição na manutenção de experiências democráticas e na garantia dos direitos humanos.

Assim, discutir a qualidade do jornalismo, no contexto brasileiro e em vários outros países que enfrentam estes desafios, tornou-se tarefa necessária na própria defesa de democracias liberais, mesmo que alguns autores já as classifiquem como pós-democracias<sup>1</sup>.

No entanto, discutir a qualidade no jornalismo também significa adentrar o terreno do contraditório e de diferentes concepções. Em um cenário de pesquisa com influência predominante de agendas orientadas politicamente por estudos realizados nos Estados Unidos e outros países do Norte, como explica Albuquerque (2018), conceitos, teorias e problemas de pesquisa não podem ser incorporados de modo acrítico. As agendas do desenvolvimento e da liberdade de imprensa, por exemplo, podem ser utilizadas como escudo para se evitar cobranças sobre atuações contraditórias e politicamente alinhadas da própria mídia.

Do ponto de vista acadêmico e deste artigo, é preciso se perguntar: do que estamos exatamente falando quando se discute qualidade do jornalismo? Quais as possibilidades e limites de uso deste termo? De que maneira os estudos sobre qualidade no jornalismo podem contribuir para uma relação mais transparente e democrática entre jornalistas e os demais atores sociais?

Este artigo faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo que se propõe a compreender o tema da qualidade do jornalismo para além de seu caráter normativo. O recorte desenvolvido neste trabalho tem por objetivos: 1) mapear os diferentes entendimentos sobre qualidade no jornalismo a partir de estudos realizados nos Estados Unidos, em países europeus e também latino-americanos; e 2) discutir a pertinência dessa bibliografia para o debate contemporâneo sobre o jornalismo brasileiro. Constitui-se, assim, um esforço de revisão bibliográfica e de discussão sobre como as várias abordagens percebem, propõem e se apropriam da própria noção de qualidade, e quais são os limites e as possibilidades de aplicação desses estudos para as análises do jornalismo atual.

## Estudos Norte-Americanos e Europeus

O estudo sobre qualidade no jornalismo ainda é um desafio na literatura do campo da Comunicação. A principal característica tem sido a busca pela definição de qualidade a partir do que pensam as pessoas que trabalham com o jornalismo ou o estudam. Isto é, as análises acadêmicas (sobretudo empíricas) e a opinião de profissionais ajudam na enumeração das categorias e características que se aliam ao que se pode chamar “bom jornalismo” ou “jornalismo de qualidade”, sinonimizado, em algumas ocasiões, também pelo termo “jornais de referência”.

Citado de forma recorrente nas literaturas internacionais e nacionais, o estudo de John C. Merrill realizado em 1968 fez um exercício de compreensão sobre quais eram os jornais de elite no mundo e como se caracterizavam. O autor apresenta a discussão sobre “jornais de referência” e dentro dela faz uma diferenciação categórica entre *jornal de qualidade* e *jornal de prestígio*. A principal diferença do jornal de qualidade, segundo Merrill (1968), é agir sem ingerências governamentais. O jornal de prestígio é regrado ou controlado por uma sociedade fechada, sendo a imprensa

controlada pela máquina estatal. Merrill (1968) adjectiva os jornais de qualidade como corajosos, independentes e com padrão informativo, ao passo que os de prestígio seriam jornais sérios, de elite, voltados à difusão de dogmas e políticas, atuando como porta-vozes de órgãos, pessoas ou grupos. Da observação de Merrill (1968), destacam-se como indicadores de qualidade: liberdade; preocupação social; ausência de sensacionalismo; equipe de trabalho diversificada; desejo de ajudar a expandir a audiência instruída; e desejo de influenciar líderes de opinião.

Outro estudo amplamente citado é o de Bogart (1991), realizado pelo *Newspaper Readership Project*<sup>2</sup>, cujo resultado está na obra *Preserving the Press: How Daily Newspapers Mobilized to Keep Their Readers*. Ele apresenta uma perspectiva voltada para a compreensão da queda das vendas de jornais e traz a percepção do público sobre o que este caracteriza como um jornalismo de qualidade. Em *survey* com 746 pessoas da *American Society of Newspaper* foram verificados critérios de qualidade editorial, entre os quais se destacaram como elementos de qualidade, em ordem de ocorrência: precisão, imparcialidade, investigação e pessoal especializado. Em 2004, Bogart lançou nova publicação na qual discute os critérios de qualidade do conteúdo jornalístico, buscando conhecer a opinião da indústria, dos acadêmicos e dos leitores. Neste estudo, o autor enfatiza a dificuldade para medir a qualidade pela ausência de uma maneira objetiva de proceder.

Apesar das dificuldades apontadas por Bogart (2004), várias pesquisas têm desbravado caminhos por meio dos quais é possível tentar definir e mensurar a qualidade jornalística. Anderson (2014), por exemplo, discute o futuro da qualidade do jornalismo expondo sua consideração de que no “mundo” subdesenvolvido ou em desenvolvimento a função normativa da mídia como provedora de informações é a principal referência de análise. O conceito de “provedora” adotado no texto está relacionado de forma mais direta à democracia participativa. Essa percepção não pode ser tomada de forma estanque, já que esta não é a única função do jornalismo.

Shapiro, Albanese e Doyle (2006) afirmam que, quando se tem qualidade em abundância, a excelência do jornalismo se torna visível. Para os autores, a literatura emergente que busca medir e discutir a qualidade no jornalismo tem usado critérios baseados em valores como: a precisão; a imparcialidade; a empresa jornalística; as fontes e os conteúdos das histórias. Tais critérios são compartilhados, por exemplo, como integrantes dos valores-notícia e dos critérios de seleção do jornalismo, abordados por Traquina (2005).

Os autores lembram também da relevância dos prêmios jornalísticos como elementos definidores do que é qualidade jornalística para os norte-americanos (SHAPIRO; ALBANESE; DOYLE, 2006). Contudo, o grande esforço das empresas jornalísticas para alcançar os prêmios requer uma suspeição sobre as mudanças empreendidas. Os autores pontuam que os critérios de avaliação desses prêmios, tal qual a definição de padrões de qualidade no jornalismo, ainda são um esboço. E questionam: “Quais são, então, os critérios de excelência segundo os quais os árbitros do melhor trabalho do jornalismo compilam suas listas anuais de vencedores?” (SHAPIRO; ALBANESE; DOYLE, 2006, p. 429 - tradução nossa)<sup>3</sup>. Em busca da resposta, relatam que muitos programas não possuem diretrizes claras, tendo no máximo listas de termos a serem observados (SHAPIRO; ALBANESE ; DOYLE, 2006, p. 429).

Na pesquisa de Shapiro, Albanese e Doyle (2006), após entrevistar vários juízes de prêmios jornalísticos, os oito critérios que mais se sobressaíram, de modo geral, foram: qualidade da escrita (incluindo a técnica de contar histórias); profundidade de investigação e rigor da reportagem; evidência de integridade (equidade, equilíbrio ou independência); relevância social (benefício público ou impacto); história; originalidade do assunto; qualidade da análise; atenção ao contexto; e clareza da história. Tais respostas podem ser entendidas a partir da explicação de McQuail (2013): apesar de ter uma base prática mais do que filosófica ou normativa, a expectativa de que a mídia deva fornecer informações de qualidade é tão importante para o pensamento moderno sobre os padrões midiáticos quanto os princípios de igualdade, liberdade e diversidade.

<sup>2</sup>Projeto criado pela *American Newspaper Publishers Association* e pela *Newspaper Advertising Bureau*. Leo Bogart esteve à frente da presidência executiva do projeto, entre 1977 e 1983, no qual procurava descobrir as razões da queda de circulação dos jornais norte-americanos.

<sup>3</sup>No original: “What, then, are the criteria of excellence according to which the arbiters of journalism’s best work compile their annual lists of winners”.

<sup>4</sup>No original: “The content could show the same elements of quality from a journalist perspective, but two different news consumers would evaluate the quality as being different because of their differences in information wants and needs”.

Lacy e Rosenstiel (2015) afirmam que a interpretação sobre o termo *qualidade* no jornalismo varia de indivíduo para indivíduo, mas, devido à socialização, é mais provável que seja compartilhada por um grupo que possui experiências em comum. Dois grupos com papel fundamental para a literatura sobre a definição de qualidade no jornalismo são os acadêmicos e os profissionais: membros que compartilham o interesse na natureza e na qualidade do que é produzido pelo jornalismo. Porém, tais grupos têm diferentes treinamentos e objetivos. De forma bastante superficial: profissionais criam o jornalismo e acadêmicos estudam esse jornalismo. Contudo, não são grupos auto-excludentes e ambos têm contribuído para a interação e o compartilhamento de observações sobre qualidade no jornalismo.

Ainda assim, deve-se pontuar as diferenças em relação aos acadêmicos. De acordo com Lacy e Rosenstiel (2015), os acadêmicos analisam a qualidade sob as óticas da demanda e da produção. A demanda enfatiza a interação entre as necessidades dos consumidores, além das notícias e dos conteúdos. A abordagem pela produção tem de especificar as características do conteúdo que estão associadas com níveis mais elevados de qualidade. Ambas as abordagens definem a qualidade do jornalismo como uma questão de grau e demonstram não ser tão simples como ter ou não qualidade.

Nesse caso, o público avaliaria o conteúdo de determinado jornal de acordo com seus padrões e determinaria se possui qualidade ou não. Lacy e Rosenstiel (2015) apontam ser provável que pelo menos alguns dos mesmos elementos jornalísticos sejam encontrados nas avaliações dos leitores. “O conteúdo poderia mostrar os mesmos elementos de qualidade do ponto de vista do jornalista, mas dois diferentes consumidores de notícias avaliariam a qualidade como diferente por causa de suas diferenças nos desejos e necessidades de informação” (tradução livre)<sup>4</sup> (LACY e ROSENSTIEL, 2015, p. 11-12).

O impacto da qualidade, sob a perspectiva da demanda, pode se dar no nível individual ou comunitário. Para compreender um nível é preciso conhecer o processo no outro, pois níveis diferentes podem requerer atributos e medidas de qualidade diferentes. Por exemplo, o que impacta positivamente em um indivíduo pode ser negativo quando transferido para o nível social. Uma informação preconceituosa sobre uma pessoa pode servir a um indivíduo, mas pode prejudicar uma comunidade por não permitir ao indivíduo avaliar corretamente candidatos políticos e tomar uma decisão bem informada na hora de votar, por exemplo.

Sob outro aspecto, a motivação do indivíduo para acessar e consumir jornalismo também influencia na sua avaliação sobre a qualidade. Se uma pessoa gosta de histórias sobre ações sociais do governo, ela pode considerar uma matéria sobre a distribuição de renda, por exemplo, de alta qualidade. Por outro lado, alguém que não apoia tais medidas pode achar a informação inútil. As informações consideradas de alta qualidade, nessa perspectiva, deveriam permitir às pessoas tomarem decisões eficazes e eficientes, seja na hora de escolher um carro ou na hora de exercer sua cidadania.

McQuail (2012) também considera a demanda e o produto como formas de medir a qualidade. Expõe que a demanda em relação à qualidade está atrelada à percepção de como o jornalismo supre as necessidades e os desejos do consumidor individual. Esta abordagem é relativista e por meio dela é possível explicar os argumentos de que a qualidade não pode ser medida devido à sua subjetividade. Pensando dessa forma, assume-se que as necessidades e os desejos dos indivíduos seriam pouco compartilhados, o que resultaria em uma ampla variedade de opiniões sobre jornalismo de qualidade. Ele utilizou o conceito de *media performance* para falar sobre a qualidade na mídia. Em sua visão, a abordagem dessa avaliação não é excluída de outras vertentes, sendo uma variante híbrida.

Contraopondo a abordagem da demanda com a ótica do produto, McQuail (1992) pressupõe existirem características inerentes, tantos nas mensagens como nos aspectos que podem ser alterados para melhorar a qualidade do conteúdo. Para ele, há características – elencadas por jornalistas, gestores, críticos e acadêmicos – que

representam qualidade. Essa abordagem do produto seria mais vantajosa, pois permitiria aos jornalistas e aos editores “controlar ou influenciar o caráter do conteúdo que produzem mais facilmente do que eles podem inferir os interesses do público. Assim, com foco na qualidade dentro do produto, os produtores são capazes de melhorar ou fazer algo sobre a qualidade” (MCQUAIL, 1992, p. 17). Ele também aponta benefícios da qualidade da informação ou verdade da mídia: 1) Contribuir para uma sociedade informada e uma força de trabalho qualificada; 2) Fornecer a base para processos de decisão democráticos (um eleitorado informado e crítico); 3) Proteção contra a propaganda e os apelos irracionais; 4) Alerta contra riscos; e 5) Atendimento às necessidades de informações cotidianas do público. E elenca o que considera os principais requisitos de qualidade da informação: 1) a mídia de massa propiciar uma oferta abrangente de notícias relevantes e de informações gerais sobre eventos na sociedade e no mundo ao redor dela; 2) as informações serem objetivas, no sentido de serem factuais em sua forma, precisas, honestas, suficientemente completas e verdadeiras em relação à realidade, e confiáveis, no sentido de serem verificáveis nos fatos de opinião; e 3) as informações serem equilibradas e justas, relatando perspectivas e interpretações alternativas de forma não sensacionalista e imparcial, na medida do possível (MCQUAIL, 2013, p. 192).

Winfried Schulz (2000), adotando alguns dos parâmetros citados por McQuail (1992), amplia a discussão e elenca três condições mínimas que determinam a qualidade e a performance jornalística em uma sociedade democrática. Em primeiro lugar as pesquisas de campo, que demandam recursos financeiros e tecnológicos para investigações aprofundadas que facilitam ou não a ação dos jornalistas; em segundo lugar as regras/normas legais e políticas que garantem liberdade e proteção ao jornalismo, embora não baste ao país ser democrático para transferir qualidade ao jornalismo. Faz-se necessário entender como os princípios democráticos se traduzem nas práticas judiciais e como tais práticas determinam o comportamento de protagonistas políticos e influenciam as liberdades; e, em terceiro, os padrões usados pelos jornalistas para garantir e conduzir a rotina produtiva e seus comportamentos em situações-limite.

Falar de qualidade para Schulz (2000) implica ainda, automaticamente, falar sobre definição de critérios ou padrões, sendo que os critérios para o jornalismo de qualidade estão muito conectados com valores básicos de liberdade, sociedade democrática, igualdade, segurança social e ordem. A conexão entre critérios de qualidade e valores democráticos apresenta como essenciais: a independência, a diversidade e a objetividade. Schulz (2000) considera dois tipos de interdependência: independência “de” e independência “para”. A independência “de” está relacionada não somente ao Estado, mas também aos grupos de pressão, aos anunciantes e aos proprietários dos meios de comunicação, principalmente no caso de conglomerados ou cadeias poderosas. A independência “para” diz respeito à possibilidade de advocacia e de assumir o papel de cão-de-guarda. A relação entre diversidade e qualidade traz dois aspectos: diversidade de conteúdo e diversidade de acesso. Diversidade ou pluralidade de conteúdo envolve as várias dimensões, gostos, opiniões, assuntos, questões, pessoas, grupos e/ou regiões. A diversidade de acesso significa que todos os grupos sociais e atores políticos devem ter acesso à mídia. Existem ainda dois princípios: igualdade e proporcionalidade. A igualdade significa que cada grupo recebe igual atenção na mídia em termos de espaço e tempo. Proporcionalidade significa que a atenção é alocada de acordo com a importância ou o tamanho dos diferentes grupos na realidade. Esses dois princípios são apontados por Schulz (2000) como responsáveis por papéis importantes em campanhas eleitorais, especialmente quando há atenção diferenciada a um ou outro partido.

A objetividade para Schulz (2000) é, entretanto, o critério mais problemático, em parte por estimular associações a um conceito controverso. Contudo, é possível percebê-la como um conceito mais concreto no momento em que é associada às regras da prática diária do fazer jornalístico. A subdivisão, para Schulz (2000), envolve a distinção entre factualidade e imparcialidade, sendo a primeira a

responsável pelos aspectos de verdade e relevância e a segunda pelo equilíbrio e pela apresentação neutra.

<sup>5</sup>No original: “at first look, quality seems to be a very subjective thing, depending on ones’ own interests, knowledge and preferences, even politics”.

<sup>6</sup>Em sua pesquisa entrevistou 11 pessoas, entre jornalistas e editores ativos e acadêmicos.

<sup>7</sup>No original: “what quality means in a way that would be acceptable to most journalists, if not all. There are standards and also codes of conduct that are essential to quality journalism”.

<sup>8</sup>No original: “if this kind of quality journalism disappears, we are all in serious trouble. A functioning democracy needs an informed public”.

<sup>9</sup>No original: “an amorphous and problematic concept. When asked to define it, journalists and others have difficulties articulating its elements. It is most often exemplified by its absence and defined in opposition to undesirable behavior”.

Os padrões profissionais envolvem as condições em que os jornalistas trabalham, primeiramente relacionadas às pesquisas, e também às regras legais e políticas. Nesse sentido, Schulz (2000) fala sobre a dedicação profissional, precisamente sobre padrões e valores que são usados para garantir e direcionar a rotina produtiva. A importância de algumas regras para a qualidade do jornalismo fica mais clara quando se observam as fronteiras do jornalismo, onde a mídia lucra com violações “às margens” da norma, tais como a imprensa marrom no impresso e o comércio em rádio e TV. Por serem comportamentos quase inevitáveis, obviamente a mídia explorará suas liberdades e seus privilégios com fins comerciais. Como contrapeso, são essenciais as críticas públicas e as punições legais.

Nesse sentido, McQuail (2013) faz coro, cobrando a responsabilização da mídia em um processo por meio do qual ela é chamada a prestar contas. Para ele, “a responsabilização da mídia inclui todos os processos voluntários ou involuntários pelos quais ela responde direta ou indiretamente à sociedade e àqueles imediatamente afetados pela qualidade e/ou as consequências do que ela divulgou” (MCQUAIL, 2013, p. 196).

Johanna Vehkoo afirma que “À primeira vista, a qualidade parece ser algo muito subjetivo, dependendo dos próprios interesses, conhecimentos e preferências, até da política.”<sup>5</sup> (VEHKOO, 2010, p.4, tradução nossa). Não existem critérios universais que determinem ou regulem o que se compreende por qualidade. Logo, o juízo sobre o termo está relacionado a contextos como os socioeconômicos e educacionais. Vehkoo percorre literaturas que tentam definir e/ou mensurar a qualidade no jornalismo e adota a entrevista como método<sup>6</sup> para tentar definir “o que significa qualidade de uma forma que seria aceitável para a maioria dos jornalistas, se não todos. Existem normas e códigos de conduta essenciais para o jornalismo de qualidade”<sup>7</sup> (VEHKOO, 2010, p. 5, tradução nossa). Considerando os padrões e os códigos de conduta compartilhados pelos profissionais ao redor do mundo, o papel da imprensa livre nas sociedades democráticas torna-se indissociável do conceito de qualidade, pois “se esse tipo de jornalismo de qualidade desaparecer, todos estaremos com sérios problemas. Uma democracia funcional precisa de um público informado”<sup>8</sup> (VEHKOO, 2010, p. 5, tradução nossa).

Por outra perspectiva, Picard (2004) acredita que a única forma de mensurar a qualidade é julgando a atividade jornalística. Para ele, o conceito de jornal de qualidade é “amorfo e problemático. Quando solicitados a defini-lo, jornalistas e outros têm dificuldade em articular seus elementos. É mais frequentemente exemplificado pela sua ausência e definido em oposição ao comportamento indesejável”<sup>9</sup> (PICARD, 2004, p 60, tradução nossa). As definições vão ao encontro de conceitos como verdade, justiça e integridade – que podem ser elementos de qualidade – e das regras explícitas pelos códigos de conduta que determinam os comportamentos aceitáveis ou não. Porém, ainda que existam problemas de definição, o jornalismo de qualidade ou os jornais de qualidade são reconhecidos como elementos fundamentais e de influência sobre aspectos sociais, políticos e culturais nas democracias.

Para pensar sobre a qualidade, Picard (2004) questiona sobre a quantidade e o tipo de conteúdo veiculados e o quanto o material produzido pelo próprio jornal ou por outros influencia sua qualidade. Segundo o autor, a maior parte do conteúdo dos jornais americanos não é editorial, mas de publicidade, que chega a atingir 60% das edições. Além disso, a maior parte dos conteúdos classificados como sendo “editoriais” não podem ser classificados como notícia. Pelo menos três quartos dos materiais são compostos por seções que não são puramente noticiosas e por conteúdos produzidos por terceiros.

De forma resumida, o que estudos europeus e americanos propõem até o momento é que, para existir qualidade no jornalismo, há requisitos essenciais, mas não existe um conceito definido sobre o que seria qualidade no jornalismo ou jornalismo de qualidade.

## Perspectivas Latinas

No Brasil, Guerra (2010) afirma que os estudos ainda são incipientes e aponta que – apesar da existência de iniciativas para avaliar a qualidade do jornalismo, tais como a adoção de manuais de redação, as inovações tecnológicas, a organização empresarial e os sistemas de responsabilização de mídia, “ainda não foi efetivamente incorporada uma cultura de avaliação de qualidade como já existe em outras áreas, tanto do setor industrial como de comércio e serviços” (GUERRA, 2010, p. 5), o que foi verificado como inexistente também nos estudos europeus e americanos. Para o autor, “a qualidade é um recurso organizacional de vinculação entre a esfera da produção de bens e serviços e a esfera do consumo desses bens e serviços” (GUERRA, 2010, p.1). Há ainda estudos focados em aspectos da qualidade, como ética, uso das fontes e enquadramentos – levados a cabo por pesquisadores como Karam (2014); Christofolletti (2010; 2012); Benedetti (2006); Rothberg (2010); Sant’Anna (2005); Guazina (2014); entre outros.

A incipiência dos estudos congrega as dificuldades de conciliação das diversas perspectivas de compreensão tanto do ensino quanto da teoria, que precisam passar pelo processo de diálogo e chegar ao consenso que permitiria uma definição única e mais concreta sobre qualidade. Importam no processo os valores éticos e os procedimentos técnicos que estruturam o jornalismo como atividade social e profissional. Guerra (2010, p. 19) aponta que “a ausência sistemática do assunto na agenda acadêmica e profissional é um sintoma dos grandes desafios que o tema requer”, passando por aspectos teóricos, culturais, empresariais e profissionais.

Outra pesquisa brasileira na qual se verificaram os elementos de qualidade foi desenvolvida por Christofolletti (2010). O autor aponta tensionamentos entre as esferas que buscam a qualidade jornalística, como a academia, os próprios jornais, os observatórios de imprensa e os órgãos governamentais. Na pesquisa, realizada para a Unesco, Christofolletti (2010) entrevistou 22 profissionais entre editores executivos, gestores e *publishers* de jornais e revistas impressos com grande abrangência no país. O jornalismo de qualidade, para esses profissionais, teria que abarcar características como:

*[...] abordagens diferenciadas; amplitude; análise; apartidarismo; apego à verdade; apresentação agradável; apuração limpa e sem ruído; boa apuração; boas histórias e personagens interessantes; comprometimento com a comunidade; confiabilidade; contexto; correção; credibilidade; crítica; eficiência; elementos que permitam interpretar os fatos; ética; fidelidade; furo jornalístico; imparcialidade política; independência econômica; independência editorial; índice de erros zero; ineditismo; informação e não opinião; interesse público; interpretação da realidade e vai além dos fatos; investigação; liberdade de imprensa; melhor versão da verdade; novidade; objetividade; pluralidade; precisão; prestação de serviço para o leitor; qualidade de apresentação; rapidez; relevância; responsabilidade; responsabilidade social; simplicidade; sintonia com o público; utilidade para o leitor; zelo (CHRISTOFOLLETTI, 2010, p. 29).*

Muitos desses critérios citados pelos profissionais ligados ao jornalismo aparecem como elementos também citados pelos pesquisadores europeus e americanos. Esse fator corrobora para o indicativo de que há o compartilhamento de valores e padrões jornalísticos mesmo em diferentes espaços geográficos e culturais, embora, como aponta Guerra (2010), existam dificuldades para o consenso sobre quais seriam mais relevantes e/ou universais dentro de um contexto macro – fato relevante às definições relativizadas do que é qualidade.

Christofolletti (2010) aponta a existência de um conflito entre os padrões jornalísticos e o atendimento às demandas do público. Segundo ele, os profissionais acreditam que “os meios oferecem um noticiário que se sustenta pelos critérios de noticiabilidade, mas também dão o que os leitores querem e precisam” (CHRISTOFOLLETTI, 2010, p.30). A contrariedade explícita nesse pensamento demonstra uma fricção entre a teoria e a prática. Poderia se aludir, em parte, à tribo jornalística transnacional de Traquina (2005) e à dimensão mitológica que a circunda e compõe, auxiliando na definição da maneira de ser jornalista ou de estar no jornalismo – o *ethos*.

Apesar de os estudos serem ainda mais incipientes em âmbito latino, a Universidade Católica do Chile é a responsável pela proposta metodológica – temporamente mais consolidada e replicada<sup>10</sup> – que permite avaliar a qualidade nos diversos meios de comunicação. Apesar de suas limitações, adota uma ótica diferente das empregadas nos estudos americanos e europeus. As entrevistas e pesquisas com grupos focais foram a base do método, que se propõe a estudar a qualidade no jornalismo a partir do produto veiculado, por meio de categorias elencadas em ficha analítica.

<sup>10</sup>Afirma-se que este é o método mais replicado pela aplicação em diversos estudos na América Latina e Europa; e de maior consolidação devido aos 20 anos de sua existência e de seu aperfeiçoamento.

<sup>11</sup>Josenildo Guerra propõe uma metodologia que permite a análise de qualidade editorial de jornais, por meio da ferramenta Q-Avalia. Disponível em: q-avalia.com.br. Acesso em: 20 ago. 2017.

Conhecido como *Valor Agregado Periodístico (VAP)* (Valor Agregado Jornalístico, em Português), o método intenta verificar o que é agregado, pelo jornalismo, ao conteúdo que o público conseguiria obter por meios próprios. Quer dizer, o que de relevante o jornalismo faz pela informação? O método começou a ser desenvolvido na década de 90 e teve sua última etapa em 2004. As pesquisas envolveram conteúdos de países como Argentina, México, Colômbia e Peru. As fichas analíticas foram aplicadas tanto aos meios impressos como aos audiovisuais. A metodologia, como apontam Pellegrini e Mujica (2006), expandiu-se pela América Latina sendo utilizada tanto como ferramenta de estudo quanto de ensino do jornalismo.

Para se chegar à ficha do VAP, foi realizada uma seleção de padrões do exercício do jornalismo, compartilhados tanto pela academia como pelas organizações profissionais e pelo público. Esses padrões também poderiam ocorrer em qualquer meio, independente da linha editorial, da missão ou dos objetivos do veículo de comunicação. A visão dos profissionais e do público foi obtida por meio de uma série de estudos com grupos focais, realizados durante o ano de 2003. Descobriu-se que ambos os grupos partilhavam a visão de que os três critérios centrais do “bom jornalismo” seriam o peso informativo ou relevância, a clareza no estilo e a proximidade geográfica e emocional da informação. Contudo, houve diferenças na hierarquia desses valores. Para os jornalistas o mais importante no “bom jornalismo” foi o peso informativo/relevância, enquanto para os membros do público o item de maior relevância foi a proximidade. Esses critérios coincidem com os obtidos pela pesquisa de Rogério Christofoletti (2010), quando questiona os profissionais sobre os elementos que compõem um “bom jornalismo”.

Os padrões jornalísticos não são exatamente os mesmos em todos os lugares, contudo, há padrões mínimos compartilhados. Seus elementos de diferenciação estão basicamente na ênfase que dão a cada fato e no que refere às políticas nacionais de comunicação. Uma grande parte do VAP foi baseada na seleção de padrões, que ao recorrer aos diferentes estilos normativos se deram em qualquer veículo. Assim como no método VAP, não é a proposta dessa pesquisa estimular ou sugerir que haja, ou seja implementada, uma forma “intelectual” de se fazer jornalismo. Trata-se, como definem Pellegrini et al. (2011), da capacidade do meio e do jornalista de entregar e, sobretudo, de processar informação – selecionando e priorizando o que é notícia; as fontes envolvidas no fato, considerando sua variedade; e dando a cada um o espaço que lhe corresponde.

Como observa Guerra (2010), o método VAP, assim como outros métodos de análise da qualidade do jornalismo ainda em desenvolvimento, é uma ferramenta que reforça princípios e fundamentos tradicionalmente ligados às responsabilidades dos jornalistas nas sociedades democráticas. Por trabalhar com a concepção de qualidade a partir do produto veiculado, o VAP se diferencia da proposta de Guerra<sup>11</sup>, por exemplo, que trata de analisar a qualidade com um viés de produção, olhando a partir de questões organizacionais e também das propostas que procuram defini-la a partir do pensamento acadêmico ou profissional. O método adota duas diretrizes para se obter informação: a *função notarial* e a *atribuição de sentido* (PELLEGRINI; MUJICA, 2006). A *função notarial* envolve a seleção de fatos e fontes existentes e confiáveis. Demonstra a capacidade do meio de certificar, com a prática profissional adequada, que um fato realmente ocorreu e, ao levá-lo ao conhecimento público, seria em razão do seu acesso ao que aconteceu “de verdade”. Envolve a credibilidade depositada pelo público no veículo e a comprovação temporal de sua seriedade no

tratamento da informação. A *atribuição de significado* reflete a escolha da pauta, a hierarquização (da pauta ou dos conteúdos) e a relação entre conteúdos. O meio e o jornalista organizam e relacionam todos os elementos que circundam a informação e seu contexto, de modo a torná-los compreensíveis para um público geral e dar-lhes significado em relação aos movimentos sociais<sup>12</sup>.

Confluindo na direção dos estudos a partir do produto, ou seja, da notícia; e, ao mesmo tempo apontando os riscos da perspectiva, Romero-Rodríguez e Agueda (2016, p. 5, tradução nossa) tentam encontrar uma taxonomia para a qualidade no jornalismo ao questionar: Pode a qualidade da informação ser avaliada levando em consideração apenas o conteúdo de um meio?<sup>13</sup>, ao passo que respondem: “Sem dúvida, o leitor tem acesso direto ao produto final, e a qualidade do conteúdo está associada à qualidade da informação”<sup>14</sup>. Contudo, os autores alertam que, ao escolher não levar em conta o processo de produção ou os aspectos de pré-informação, pode-se ter uma visão parcial de um processo complexo, afetado pelos interesses da mídia, por aspectos educacionais e sociais e pela condição de trabalho do profissional, que são tão importantes quanto a origem das informações e os tipos e a variedade das fontes.

## Considerações Finais

As discussões teóricas demonstram que a qualidade jornalística, assim como o próprio jornalismo, pode ser diretamente influenciada pelo contexto social e cultural da comunidade que circunda sua produção, devendo ser observada dentro do espaço-tempo no qual está inserida. Os valores consensuais dos jornalistas e da sociedade a respeito do jornalismo interferem no grau de qualidade atribuído aos conteúdos e conseqüentemente aos jornais. Nesse sentido, aproximam-se dos estudos sobre cultura profissional.

Assim como os contextos sociais e culturais, o espaço-tempo e os valores consensuais não são estáticos, embora possam ser, em geral, duradouros. A qualidade no jornalismo, portanto, pode ainda ser considerada um conceito em disputa ou formação.

Nota-se, portanto, a ação do contexto e do espaço-tempo sobre o tipo e a qualidade do jornalismo praticado, o que influencia na percepção dos pesquisadores, dos profissionais e do público. A alteração nas percepções, para além das mudanças técnico-práticas, também leva à transformação dos incipientes conceitos de qualidade.

Contemporaneamente, o jornalismo passa a ser visto como fórum e seu papel de informação já não contém o “poder” dos anos 1960, sendo visto como parcial. Contudo, adentram suas responsabilidades em relação ao desenvolvimento dos mundos em aspectos econômicos, sociais e democráticos. A influência dos contextos sociais e das experiências democráticas das sociedades começa a afetar as concepções mais recentes sobre o que deve ser abarcado pelo jornalismo de qualidade. E os grupos sociais tornam-se também grupos de pressão sobre formas, temas e enquadramentos de conteúdo; além de serem fortalecidos movimentos de “auto-informação” com notícias produzidas por pessoas alheias ao compromisso jornalístico, muitas vezes com forte viés político ou de desinformação. Entre esses grupos estão ainda os profissionais e os acadêmicos, alternando entre interagir com as necessidades dos leitores e especificar as características do conteúdo.

Apesar dos conflitos teóricos, das indefinições e da influência cada vez mais presentes de diferentes grupos sociais, a qualidade pode ser vista como uma questão profissional, em que também merecem destaque as conexões da qualidade com valores, para além da técnica. Transparece uma conexão dos procedimentos técnicos com os valores do espaço social onde a prática jornalística está inserida. Essas percepções permitem questionar – talvez, inclusive, indicar – se tais valores se associam a um certo caráter utópico do jornalismo: uma vez que circundam também o imaginário dos profissionais sobre o que é a profissão, poderiam tais parâmetros serem apenas elementos retóricos, ausentes do produto acabado (notícia)?

<sup>12</sup>*Movimentos sociais tomados aqui como as várias relações estabelecidas entre as esferas sociais, não associado diretamente a movimentos organizados em função de algum tema específico.*

<sup>13</sup>*No original: “can the quality of information be evaluated by only taking into consideration the content of a medium”*

<sup>14</sup>*No original: “Undoubtedly, the reader has direct access to the final product, and the quality of the content is associated to the quality of information”.*

Não é possível responder a isso com base nas pesquisas referenciadas, pois não são verificados, nos textos jornalísticos que chegam ao público, os parâmetros técnicos nem a conexão com os valores elencados pelos autores. Com isso, boa parte da bibliografia acadêmica e, sobretudo as percepções dos profissionais, acabam por se tornarem eminentemente normativas: muito se diz sobre o que “fazer”, deixando em aberto a verificação do que está feito e a forma como fazê-lo. Em que medida, então, a qualidade no jornalismo, fundamentada em parâmetros de verificação, pode apontar efetivamente para a melhoria da prática do jornalismo na atual condição de vulnerabilidade da democracia brasileira, também é uma questão ainda a ser respondida.

---

## Referências

ALBUQUERQUE, Afonso. A Comunicação Política depois do Golpe: notas para uma agenda de pesquisa. **Compólitica**, v. 8, n. 2, p. 171-206, 2018.

ANDERSON, Peter J. Defining and Measuring Quality News Journalism. *In*: ANDERSON, Peter J.; WILLIAMS, Michael; OGOLA, George. **The future of quality news journalism: a cross-continental analysis**. Routledge, 2014, p. 7-34.

BALLESTRIN, L. , L. **Rumo à teoria pós-democrática?** Paper apresentado no 41º Encontro Anual da Anpocs. Caxambu, 23 a 27 de outubro de 2017. Disponível em: [https://www.academia.edu/35987231/Rumo\\_à\\_teorias\\_pós-democrática](https://www.academia.edu/35987231/Rumo_à_teorias_pós-democrática). Acesso em: 12 mar. 2018.

BENEDETI, Carina Andrade. Qualidade da informação: análise da cobertura jornalística sobre transgênicos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 3, n. 2, p. 11-23, 2006.

BOGART, Leo. **Preserving the press: How daily newspapers mobilized to keep their readers**. Columbia University Press, 1991.

BOGART, Leo. Reflections on Content Quality in Newspapers. **Newspaper Research Journal** vol. 25, no. 1, p. 40–53, 2004. Doi:10.1177/073953290402500104.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo**. Editora Contexto, 2012.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Indicadores da qualidade no jornalismo: políticas, padrões e preocupações de jornais e revistas brasileiros**. Série Debates CI nº 3. 2010.

GUAZINA, Liziane Soares. **Quando cultura política e subcultura jornalística andam de mãos dadas: a desconfiança na política em tempos de escândalos**. Compós, 2014.

GUERRA, Josenildo Luiz. **Sistema de Gestão de Qualidade aplicado ao Jornalismo: possibilidades e diretrizes**. E-compós, Brasília, v. 13, n. 3, 2010.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade**. Summus Editorial, 2014.

LACY, Stephen; ROSENSTIEL, Tom. **Defining and Measuring Quality Journalism**. Rutgers School of Communication and Information, 2015. Disponível em: <http://wp.cominfo.rutgers.edu/mpinew/wpcontent/uploads/sites/129/2015/04/Defining-and-Measuring-Quality-Journalism.pdf>. Acesso em: 18 set. 2016.

MCQUAIL, Denis. *Journalism and society*. Sage, 2013.

MCQUAIL, Denis. *Atuação da mídia: comunicação de massa e interesse público*. Penso Editora, 2012.

MCQUAIL, Denis. *Media performance: Mass communication and the public interest*. Sage, 1992.

MERRILL, John. *Global Patterns of Elite Daily Journalism*. Journalism Quarterly 45, no. 1, 1968, p. 99–105. Doi:10.1177/107769906804500114.

PELLEGRINI, Silvia et al. *Valor Agregado Periodístico: la apuesta por localidad de las noticias*. Santiago, Chile: EdicionesUniversidad Católica, 2011.

PELLEGRINI, Silvia; MUJICA, María Constanza. *Valor Agregado Periodístico (VAP): la calidad periodística como factor productivo em un entorno medial complejo*. Palabra Clave, v. 9, n. 1, p. 1, 2006.

PICARD, Robert G. *Commercialism and Newspaper Quality*. Newspaper Research Journal, vol. 25, nº 1, 2004, p. 54-65.

ROMERO-RODRÍGUEZ, Luis M.; AGUADED, Ignacio. *Toward a taxonomy of newspaper information quality: an experimental model and test applied to Venezuela dimensions found in information quality*. Journalism, p. 1-19, 2016.

ROTHBERG, Danilo. *Jornalismo e informação para democracia: parâmetros de crítica de mídia*. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério (ORG). *Vitrine e vidraça: crítica da mídia e qualidade no jornalismo*. Portugal, LabCom Books, 2010, p. 21-34.

SANT'ANNA, Francisco. *Mídia das fontes: o difusor do jornalismo corporativo*. Brasília: Casa das Musas, 2005.

SCHULZ, Winfried. *Preconditions of journalistic quality in an open society*. In: *Ponencia presentada en la Conferencia Internacional "News Media and Politics-Independent Journalism"*, Budapest: 2000, s/p. Disponível em: <http://www.europatatarsag.hu/hu/rendezvenyek/beszedek/preconditions-of-journalistic-quality-in-an-open-society>. Acesso em: 23 jan. 2017.

SHAPIRO, Ivo; ALBANESE, Patrizia; DOYLE, Leigh. *What Makes Journalism "Excellent"? Criteria Identified by Judges in Two Leading Awards Programs*. Canadian Journal of Communication, vol 31, 2006, p. 425-445.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2ed. 2005.

VEHKOO, Johanna. *What is quality journalism and how it can be saved*. Reuters Institute for the Study of Journalism, 2010.